

ASPECTOS SEMÂNTICOS DA PRODUTIVIDADE LÉXICA

Maria Aparecida Barbosa

Temos procurado, em nossas pesquisas, chegar a uma sistematização dos processos fundamentais que possibilitam a criação neológica e o conseqüente enriquecimento do universo lexical de nossa língua. Esses processos integram a competência dos falantes, que, consciente ou inconscientemente, os utilizam na criação neológica, na renovação das normas e do sistema.

Entretanto, é preciso considerar *a priori* três aspectos essenciais na criação do neologismo:

a) Cada língua funciona segundo o seu próprio código em virtude do qual são produzidos os enunciados de discurso e as formações lexicais. Tudo que provém de outra língua é considerado como dependente de outro código. Desse modo, as realizações morfo-sintáticas são exclusivas de uma língua;

b) O neologismo é um signo lingüístico que comporta uma face significante e uma face significado, por isso os dois componentes são simultaneamente modificados na criação neológica, ainda que a mutação pareça relacionar-se sobretudo à morfologia ou ao significado;

c) A formação neológica, exceção feita a certas onomatopéias e à criação *ex-nihilo*, nunca é uma unidade mínima de significado, isto é, um morfema (Pottier). O repertório lexical de unidades mínimas é transmitido de geração a geração e, por esta razão, a criação é o resultado da combinação de elementos mais simples existentes na língua. Desse modo, a criação consiste essencialmente no modo de relação entre esses elementos.

Esses aspectos nos permitem fazer algumas observações quanto aos processos de formação de palavras neológicas:

1 O neologismo pode decorrer da criação de um novo signo; será uma criação *ex-nihilo* que não recorre a bases lexêmicas ou mor-

femas gramemas já existentes no código, embora o signo criado tenha de se adaptar às estruturas fonológicas permitidas pelo código lingüístico e, ao ser formado, deva necessariamente conter os formantes (morfemas gramaticais) exigidos pela classe sintáxico-semântica a que for integrado.

2. O neologismo pode decorrer de uma alteração no plano do significante, alteração que ocasiona igualmente a mudança do significado.

3. O neologismo pode decorrer de uma alteração no significado, conservando-se o mesmo significante. Esse mecanismo gera a polissemia e a homonímia.

4. O neologismo pode resultar de uma transformação sintagmática, em que não há mudança e sim combinações inéditas de morfemas no plano do significante com a conseqüente alteração no plano do significado. Aqui estariam situados os processos de derivação e de composição.

5. O neologismo pode decorrer da importação de um termo que pertença a outro sistema lingüístico.

Propomos, pois, uma ampliação na formalização dos processos de formação neológica — que são apresentados comumente como o da derivação, o da composição e o do empréstimo —, observando que eles constituem apenas uma das formas da criação neológica. Englobaremos esses processos em quatro formas básicas: o processo de formação de neologismo fonológico, o processo de formação de neologismo semântico, o processo de formação de neologismo sintagmático e o processo de formação de neologismo aloenético. No presente trabalho, abordaremos apenas alguns aspectos do processo semântico.

O Processo de Formação de Neologismo Semântico

A neologia semântica distingue-se das outras formas de neologia pelo fato de que a substância significante utilizada como base preexiste no léxico, enquanto morfema lexical. Esta base pode estar funcionando sincronicamente no léxico da língua, ou pode ter existido anteriormente, ou, ainda, ser emprestada de um outro sistema lingüístico. Por oposição à neologia fonológica, a neologia semântica pode se definir como o surgimento de uma significação nova para um mesmo segmento fonológico. Este segmento fonológico, que constitui um morfema lexical, não sofre nenhuma modificação morfo-fonológica,

nem novas combinações intra-lexemáticas de elementos, mas passa a exercer a função de nova unidade de significação.

A unidade lexical é ao mesmo tempo unidade de língua e unidade de discurso. Ela é simultaneamente modelo teórico disponível e ocorrência em incontáveis atos de fala, nos mais variados contextos intra e extra-lingüísticos. As unidades do léxico são criadas segundo as necessidades e convenções de um grupo sócio-cultural e, paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo. Estabelece-se uma relação entre língua e mundo, língua e sociedade, indefinidamente constituída e reconstituída pela mediação discursiva. Sociedade, cultura e língua caminham juntas, condicionando-se e influenciando-se reciprocamente.

É inevitável, pois, que as estruturas lingüísticas, principalmente as lexias, sofram modificações enquanto vão sendo atualizadas em situações e contextos diferentes. Consideraremos essas conseqüências incontestáveis — as mudanças de domínio traduzem a diversidade das experiências sociais e resultam das necessidades de comunicação — e deixaremos de examinar as causas que provocam as mudanças semânticas, por escaparem ao objetivo deste trabalho, muito embora lhes reconheçamos a importância.

Partindo, então, do fato inegável de que a língua se modifica enquanto muda o grupo sócio-cultural, de que são vários os processos utilizados nessa mudança, e de que um deles é a mudança do significado de muitos morfemas lexicais que conservam o seu significante intacto, procuraremos examinar quais os mecanismos subjacentes a essa mudança.

As neologias semânticas aparecem, quando se empregam signos já existentes no código, em combinatórias inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado. O neologismo surge, então, como resultado de uma combinatória sêmica.

Toda unidade lexical resulta de um conjunto de semas descritivos constantes, que garantem a sua autonomia e a distinguem paradigmaticamente das outras unidades comutáveis com ela no mesmo contexto; ela pode, pois, ser definida como correspondente a um conjunto de traços mínimos de significado semântico-sintático tanto inerentes como contextuais, que asseguram a constância lexical indispensável ao bom desempenho da comunicação

Entretanto, toda unidade lexical possui um subconjunto, virtual, de semas associativos, cujos valores são definidos pelas distribuições do contexto. O conjunto das invariantes, como conjunto de regras e

de elementos, permite as combinações infinitas de enunciados organizados em discursos: criatividade governada por regras existentes no sistema lingüístico e disponível a todos os falantes.

Contudo, os semas associativos (Pottier) constituem a parte variável do semema, conforme os empregos inéditos que se fazem de certas unidades. Algumas dessas associações se tornam constantes e passam, então, a ser fatos de língua; outras são, apenas associações individuais, passageiras.

Uma unidade lexical tem, então, os semas invariantes (núcleo sêmico, para Greimas; semas genéricos e específicos para Pottier), que delimitam as possibilidades e impossibilidades combinatórias, com outras lexias do enunciado. Assim é que *em língua* já se configuram os tipos de contexto em que pode ocorrer, em princípio, a lexia, já se tem definida a sua compatibilidade contextual. isto é, a possibilidade que têm dois núcleos sêmicos de entrar em combinação com um mesmo sema contextual.

“Pour chaque occurrence, la valeur sémantique d’un item lexical résulte d’une tension dilectique entre deux propriétés contraires. L’Unité lexicale est *une constante* en ce qu’elle se distingue paradigmatiquement des autres unités commutables avec elle dans le même type d’environnement; elle peut donc être définie par une matrice de traits syntaxiques et sémantiques, tant inhérents que contextuels, qui régissent l’invariance lexicale indispensable au bon fonctionnement de la communication. L’unité est aussi *une variable* dont les valeurs sont assignées par les distributions de son contexte. L’invariance de la *langue*, comme ensemble fini de règles et d’éléments, permet les combinaisons infinies des énoncés organisés *en discours*: créativité donc, mais créativité gouvernée par les règles. Cette tension entre l’ancien et le nouveau, le même et l’autre, se manifeste dans le traitement de la polysémie.” (Bastuji 1974, pág. 7)

O processo de enriquecimento de semas continuará, à medida que a lexia for atualizada em outros contextos. Verifica-se que uma mesma lexia que tinha um significado, atualizado em diferentes contextos, adquire paulatinamente novos traços. Chega-se, assim, de maneira quase imperceptível a um neologismo semântico; quase sempre, a atualização, o emprego freqüente de uma unidade lexical em combinatórias contextuais inesperadas provoca esse fenômeno.

Os contextos enunciativos, constituem, pois, o lugar em que se dá a gênese do neologismo semântico, embora não sejam idênticos os processos que o geram. Temos, na realidade, vários modos de gerar a neologia semântica. Citemos alguns:

1. *A ruptura da isotopia. O metafórico e o metonímico*
2. *O deslocamento no eixo da especificidade semêmica*
3. *O desenfoque semântico*
4. *O neologismo e as normas semânticas de discurso*

Dos processos acima, consideraremos, apenas, nos limites deste artigo, o último.

O neologismo e as normas semânticas de discurso

Como afirma Bastuji (1974, pág. 19), toda neologia semântica produz conjuntamente uma tripla mudança, mudança na combinatória da unidade, mudança no referente criado ou modificado por esta combinatória, com interação entre significado e referente, mudança, enfim, no domínio discursivo, ao qual pode se acrescentar este jogo metalinguístico que se chama figura de estilo ou efeito de estilo: metáfora, metonímia, trocadilho, etc. Toda análise de um neologismo de sentido deveria, ser acompanhada de indicações sistemáticas a respeito dessas quatro rubricas.

O neologismo semântico ocorre, muitas vezes, quando se começa a empregar a mesma unidade lexical em meios especializados diferentes. Nos diferentes domínios de experiência em que essa lexia apresenta uma maior frequência de emprego, adquire semas próprios àqueles domínios, semas que passam a integrar o seu semema, dando-lhe, com isso, certo número de sentidos especializados, dos quais, em geral, um só será aplicável em determinado universo de discurso.

Os novos semas que a unidade lexical vai assimilando em diferentes domínios de experiência, tornam-se normas semânticas dos vários universos de discursos, por exemplo, de diferentes profissões ou especialidades, e que são armazenadas na memória de cada falante de um determinado grupo como modelos semânticos de realização. Isso quer dizer que o mesmo signo lingüístico, polissêmico, apresenta a ampliação de diferentes setores de semas conforme esteja sendo empregado no discurso colonial, no discurso científico, no discurso literário, ou em outros tipos de discurso quaisquer.

Lembra, ainda, Bastuji (1974, pág. 19) que a unidade lexical é, ao mesmo tempo, unidade de língua e unidade de discurso; tem, pois, interesse a relação entre língua e mundo, língua e sociedade, construída e reconstruída indefinidamente pela mediação discursiva; a mudança de domínio traduz a diversidade das experiências sociais e a necessidade de comunicação; a pressuposição e a referência são atos que visam a modificar as relações sociais; a batalha das palavras

é, também, uma batalha em relação às coisas e pela mudança das coisas. A análise lingüística que se limita às regras de constituição das unidades e ao exame de suas relações mútuas deve, nesse caso, dar lugar à análise do discurso e/ou à sociolingüística.

A palavra *estrutura*, de início praticamente monosssemêmica, empregada em discurso tipologicamente diferentes amplia o seu *sobressemema*, torna-se polissêmica, apresentando feixes de semas próprios a cada um desses universos de discurso embora conserve um núcleo sêmico, o que permite a sua identificação pelo falante.

Assim é que *estrutura* tem um sentido particular no discurso lingüístico, outro, no discurso técnico da engenharia, e ainda outro, no discurso sociológico, embora exista um subconjunto de intersecção sêmica entre essas normas de discurso.

Oponha-se, por exemplo, a palavra *expansão* no discurso político, no discurso lingüístico e no discurso publicitário; a palavra *revólver*, no conto policial e no discurso técnico da oficina mecânica; *casa*, no discurso coloquial e no discurso da matemática; *penalidade*, no discurso técnico do futebol e no discurso jurídico.

O que garante a sua conveniente decodificação, em cada caso, é o seu caráter polissêmico mais restrito — a rigor, monosssemêmico no discurso científico — com que é freqüentemente utilizado o termo, como uma constante de universo de discurso.

Uma das causas freqüentes da mudança do significado, ou do acréscimo de alguns setores de semas aos já existentes numa determinada lexia, é a influência de termos estrangeiros, isto é, a influência que as línguas naturais exercem umas sobre as outras.

Trata-se, de certo modo, de um processo que pode ser assimilado ao que vimos de examinar, justamente porque, quase sempre, o empréstimo de um termo estrangeiro se faz, inicialmente, dentro dos limites de um universo de discurso, para atender a uma necessidade específica de comunicação, e, somente em seguida torna-se suscetível de ser atingido por outro processo de neologismo e transferir-se para diferentes universos de discurso.

Polissemia e homonímia. A tensão polissemia — monossemia

Esses pontos por nós colocados, são alguns dos mínimos fatores que condicionam o mais freqüente dos processos de criação neológica, o semântico. O fato de se adaptar ao mesmo significante significados novos é uma conseqüência do próprio dinamismo da língua, utilizada nos mais diferentes meios sócio-culturais e em situações das mais diversas, e enumerar todas as causas desse meca-

nismo seria praticamente impossível, exigiria que se analisasse todo o complexo psico-social que define as circunstâncias em que ocorrem todos esses fenômenos. Independentemente, pois, de qualquer consideração a respeito das causas, analisaremos as conseqüências da mudança semântica.

De todos os elementos que compõem o código lingüístico, o significado é o que está mais sujeito a mudança, e é o que se apresenta como o mais flexível, de vez que não há nada de definitivo quando se fala de mudança semântica: a lexia pode adquirir um sentido novo, ou um grande número de sentidos novos, sem perder o seu significado original. Algumas dessas inovações são acidentais, de duração efêmera e não passam de um ato de fala; outras se transformam em fatos de língua e estarão em contínua mudança dando origem a uma ou outra forma de polissemia.

Conclui-se, pois, que há um elenco riquíssimo de lexias polisêmicas no inventário lexical. Diríamos mesmo que a polissemia é a regra e a monossemia a exceção.

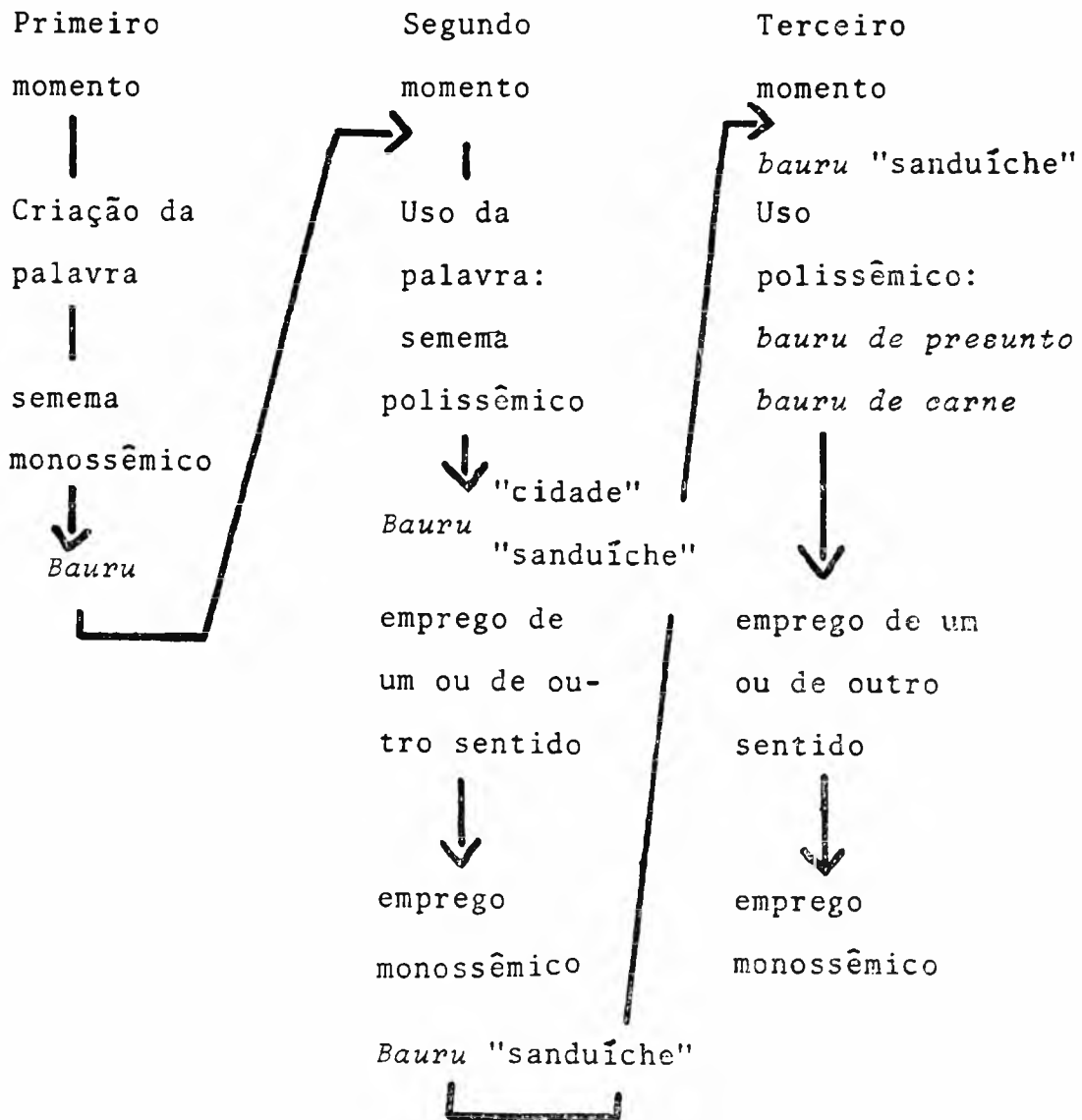
Costuma-se empregar os termos *monossemia* e *polissemia* para caracterizar o modo de significação das palavras. Mas mesmo esses meta-termos são polissêmicos e geram uma certa ambigüidade. Na verdade, toda palavra define-se por um complexo de semas e jamais por um sema único. Logo, chamar a sua face “significada” de monossêmica já é uma maneira de não precisar exatamente a natureza de seu semema. Necessário se faz, pois, que precisemos exatamente o que entendemos por significado monossêmico e significado polissêmico: certas palavras se definem por um só feixe de semas estáveis, permanentes, correspondentes à forma significante, enquanto, em certos casos, a mesma forma significante é ligada a vários feixes de semas ou sememas, diversificados pelas combinações diferentes de semas. Os primeiros são, pois, ditos monossêmicos e os segundos, polissêmicos.

É precisamente essa possibilidade de variação na combinação dos semas que define a neologia semântica. As lexias que são criadas por outros processos que não os semânticos, são monossêmicas no momento de sua criação.

O criador de uma palavra que não existia anteriormente no plano de morfo-sintaxe, confere ao segmento significante que ele forma, uma significação precisa que lhe atribui no momento da criação.

Essa monossemia inicial pode corromper-se rapidamente, a partir do momento em que a palavra formada entra em circulação na

comunidade. A necessidade de atribuir várias significações a uma mesma forma significante do signo decorre da própria natureza do signo lingüístico. Há um contante movimento da monossemia para a polissemia e desta para a monossemia, que poderia assim ser entendido:



E, assim, vão sucedendo-se as diferentes etapas da mudança semântica, num contínuo ir e vir de monossemia e polissemia, que dá como resultado final a existência de um significante com um grande número de setores de semas, unidos todos pelo mesmo núcleo sêmico.

As palavras adquirem uma polissemia fundamental por uma série de especificações tiradas do conjunto lexical, formuladas pelo locutor e ligadas à situação de locução, que não diretamente li-

gada ao sistema lingüístico. A criação léxico-semântica poderia ser concebida como uma alternância de diversificação e especificação.

O estatuto monossêmico de um termo resulta de uma certa convenção em um meio lingüístico dado, para designar um objeto antro-po-cultural. Essa situação ideal representa a forma onomasiológica da significação, a que tem por princípio a dominação dos objetos, dos conceitos.

Mas cada locutor do grupo pertence também a um universo social em que interferem outros usos, e ao qual ele traz o seu próprio uso; a situação ideal de monossemia, no mecanismo semasiológico, é rapidamente destruída.

Assim sendo, a convenção monossêmica não teria condições de subsistir se não numa linguagem secreta, absolutamente fechada, em que cada termo seria portador de uma significação arbitrária sem nenhuma motivação fundada sobre a linguagem comum, isto é, seria uma negação da linguagem de uma comunidade, que é um complexo de pessoas e de circunstâncias psico-sócio-culturais.

Vimos, então, que a existência de vários significados para um só significante é um fato incontestável na língua; podemos distinguir dois tipos básicos de elementos que comportam a mesma relação estrutural um significante/vários significados; são, entretanto, diferentes na sua natureza e origem: a lexia polissêmica e a lexia homonímica.

Toda *homonímia* é *polissêmica*, mas nem toda relação de *polissemia* é do tipo *homonímico*.

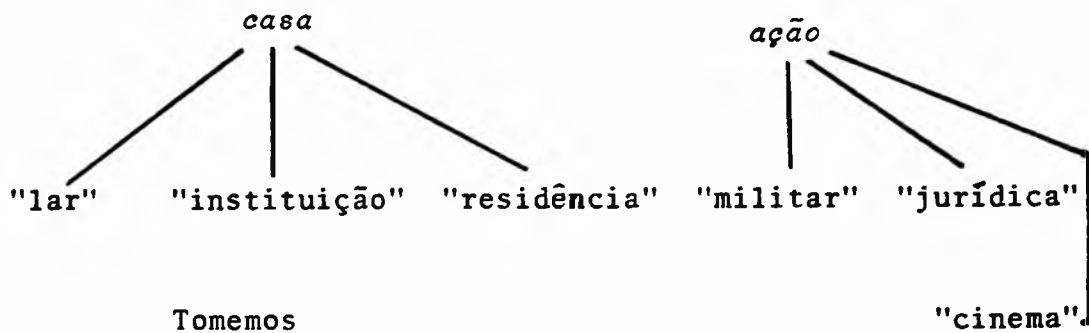
Separaremos, pois, os fenômenos polissêmos em dois tipos:

1. *Polissemia stricto sensu* ou *polissemia propriamente dita*. Podem classificar-se desse modo todas as palavras que tiverem para o mesmo significante vários feixes de significado, feixes esses que vão sendo paulatinamente acrescentados ao significado nuclear inicial conforme a dinâmica da evolução e da mutação inerente ao sistema lingüístico.

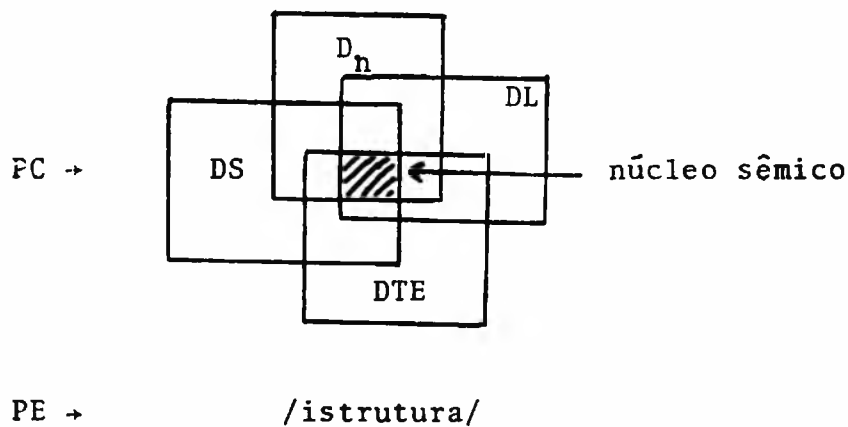
De acordo com Greimas (1979, pp. 284-5), “La *polysémémie* correspond à la présence de plus d’un sémème à l’intérieur d’un lexème. Les lexèmes polysémémiques s’opposent ainsi aux lexèmes monosémémiques qui ne comportent qu’ un seul sémème (et qui caractérisent surtout les lexiques spécialisés: techniques, scientifiques, etc) / ./ / La lexicographie oppose traditionnellement la polysémie à l’homonymie, en considérant comme homonymes les morphèmes ou les mots distincts par leur signifié et identiques par leur signifiant / ./ / Du point de vue théorique, on peut néanmoins considérer que deux ou

plusieurs lexèmes sont distincts mais homonymes, quand leurs sémème ne possèdent pas (ou plus) de figure nucléaire commune.”

A lexia polissêmica propriamente dita, apesar de todos os setores sêmicos que possui e que possibilitam a sua ocorrência em diferentes universos de discurso, em relação a domínio de experiência também diferentes, e a constituição de normas semânticas ou de modelos semânticos de discurso conserva uma unidade de significado, não obstante a aparente disjunção por este sofrida quando a lexia é atualizada, situando-se em diferentes domínios de experiência. O que assegura essa unidade é um núcleo sêmico comum aos múltiplos setores de semas correspondentes aos diversos domínios de experiência, núcleo que faz que o falante identifique em todas as atualizações a mesma lexia de base, o mesmo sobressistema a nível de sistema, enfim, um único signo. É o caso, por exemplo, de:



Tomemos ainda, a palavra *estrutura*. Teremos:



onde: DL = discurso lingüístico; DS = discurso sociológico; DTE = discurso técnico da engenharia.

Esse tipo de polissemia pode ocorrer tanto com as lexias lexicais como as lexias gramaticais. Logo, subdividi-se em:

- a) polissemia propriamente dita — *stricto sensu* — lexical;
- b) polissemia propriamente dita — *stricto sensu* — gramatical.

O gráfico acima visto exemplifica a polissemia propriamente dita lexical. Por outro lado, as preposições, por exemplo, constituem, quase todas, excelente ilustração da polissemia propriamente dita gramatical, de vez que podem ser atualizadas com semas espaciais, temporais ou nocionais.

2. *Polissemia lato sensu (homonímia)* O vocábulo homonímico, que, aparentemente, apresenta as mesmas características consideradas acima, tem como diferença fundamental o fato de que dois homônimos não podem ser reunidos em torno do mesmo núcleo sêmico.

Nesse caso, temos dois signos diferentes, pertencentes não só a domínios de experiência como também à *topoi* diferentes.

A lexia homonímica pode resultar da lexia polissêmica, como podem ter as palavras homonímicas origem completamente diversa — essa última é o seu *modus nascendi* mais freqüente. Quando ocorre o primeiro caso, temos um processo de mudança que começa na monossemia, passa pela polissemia, para que desta se chegue, pouco a pouco, à homonímia.

Observa-se pelo gráfico (Cf. Pottier, 1974, 88) que o uso das palavras leva inevitavelmente à polissemia uma forma que era, de início, monossemêmica.

Pode ser que, nesse processo evolutivo, a forma permaneça em estado de polissemia *stricto sensu*, conservando o núcleo sêmico entre dois ou mais significados, que permanecem, então, com um ponto de intersecção.

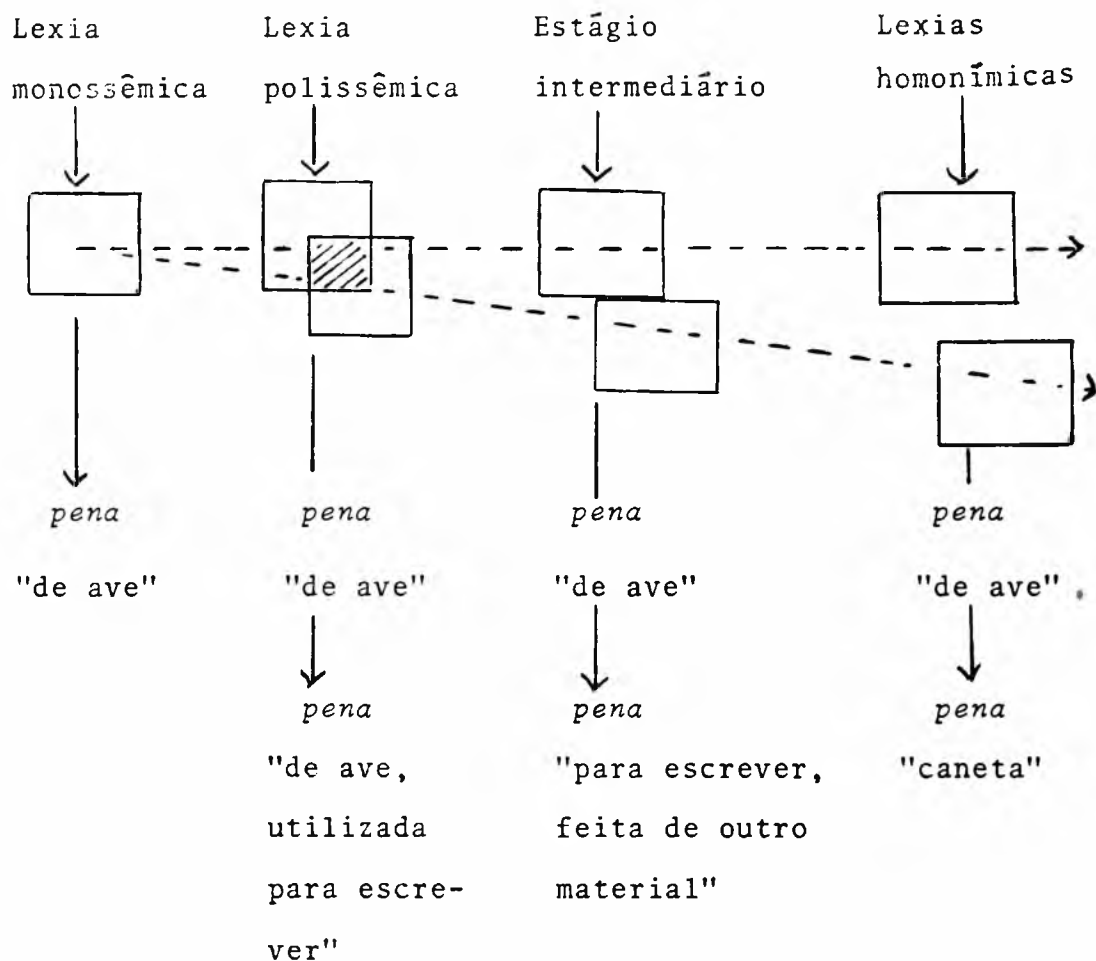
Pode ocorrer, entretanto, que haja uma ruptura entre esses feixes sêmicos e o núcleo sêmico comum desapareça. Nesse instante, de forma polissêmica propriamente dita, a palavra passa a ser polisêmica *lato sensu*, ou seja, surgem dois homônimos. Desenvolvem-se sentidos divergentes.

Guilbert (1975, 69) exemplifica esse tipo de formação de homônimos com o verbo *voler*, que, a princípio, designava monossemicamente “o vôo dos pássaros” Temos aí o estágio (1) do gráfico; entretanto, houve a invenção do balão, do avião, enfim, do vôo da

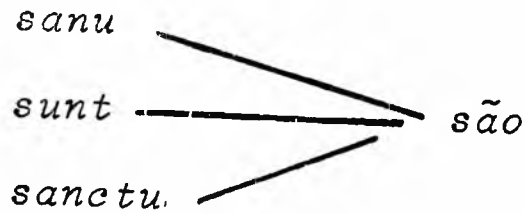
máquina: temos o estágio (2) do gráfico, ou seja, o *voler* I bis, que é polissêmico propriamente dito; houve, ainda, paralelamente, a prática da falcoaria, em que se ensinava o “voar para apreender algo”, donde o *voler* II “roubar”. Os dois significados coexistem em língua francesa na atual etapa sincrônica.

De um estágio a outro, sempre se configura uma zona intermediária, uma zona fluida, em que as duas formas coexistem, não se podendo, a rigor, dizer onde termina a polissemia propriamente dita e começa a homonímia.

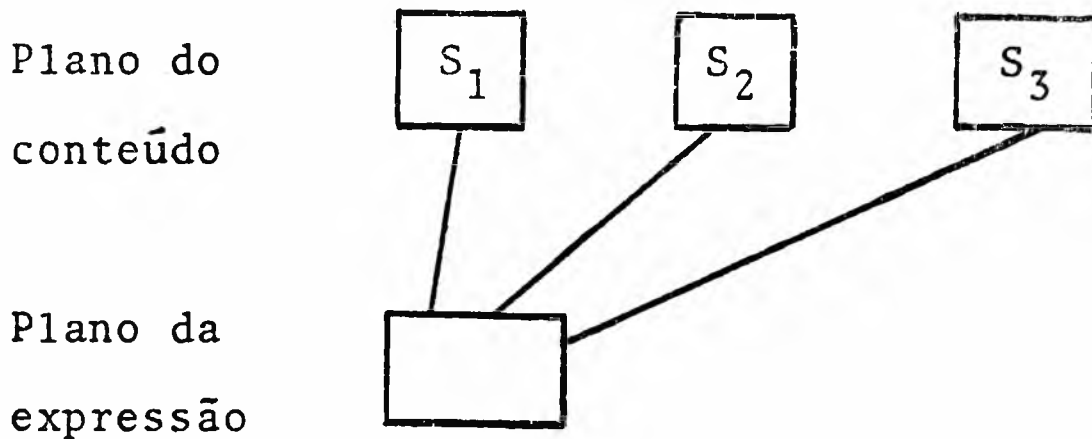
Essa, entretanto, não é a fonte mais comum de homonímia; mais freqüentemente, resulta ela do “desenvolvimento de sons convergentes. Sob a influência das mudanças fonéticas vulgares, duas ou mais palavras, que tiveram outrora formas diferentes, coincidem na linguagem falada, e muitas vezes também na escrita.” (Ullmann, 1964, 365)



Assim é que, de étimos diferentes, chega-se a um único resultado, do ponto de vista do significante:



Temos uma forma de expressão única, o que nos dá um esquema diferente do primeiro tipo de polissemia



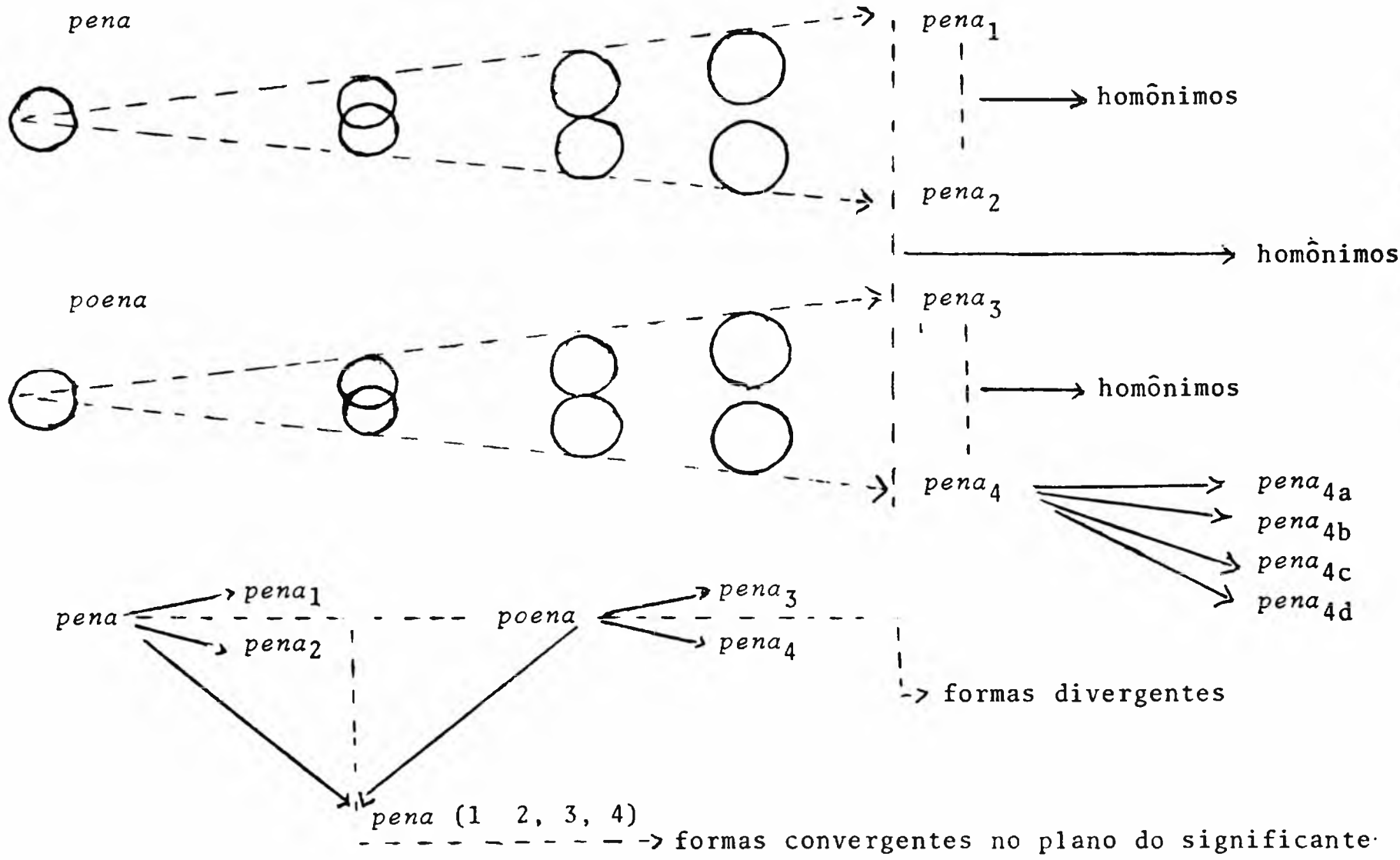
onde S = semema.

Há formas da língua que são simultaneamente homônimas em relação a uma forma x, e polissêmicas em relação a uma forma y, isto é, duplamente polissêmica.

No exemplo da p. 183, vimos como a palavra *pena* teve uma evolução de significados divergentes, tornando-se de um lado, “pena de galinha”¹ e, de outro, “pena de escrever”² — formas homônimas, portanto.

Além disso, vimos como, a partir de um étimo completamente diferente, existem no português atual *pena*³ e *pena*⁴ significando respectivamente “castigo” e “dó”. Logo, *pena*₁, *pena*₂, *pena*³ e *pena*⁴ são homônimos entre si, enquanto *pena*³ é polissêmico propriamente dito, em relação às diferentes normas semânticas dos diferentes universos de discurso em que ocorre: o discurso jurídico, o discurso técnico do futebol, etc.

Esquemáticamente, teríamos:



Além dos aspectos acima considerados, cabe ressaltar que existe um tipo especial de homonímia, a *policategoria*. (Cf. *são*¹ (santo), *são*² (*sadio*), *são*³ (3ª pessoa do vb.*ser*), que se não confunde com *manga*¹ (fruta), *manga*² (parte da roupa), ambos substantivos.

Existe também uma polissemia homonímica, a nível de língua, em que se tem um semema amplo, que abrange todos os feixes de semas que identificam os diferentes domínios suscetíveis de serem recobertos por uma mesma forma. Nesse caso, no ato de fala, o que era polissêmico, passa a ser monossemêmico e os interlocutores reconhecem com precisão o significado que foi atualizado.

Contudo, a polissemia homonímica pode persistir a nível de discurso, gerando, muitas vezes, ambigüidade; isso se dá porque a uma mesma forma significante o receptor pode relacionar diferentes significados. Trata-se da ambigüidade ou da polissemia sintática — ou sintagmática —, que não deve ser confundida com a multissignificação da linguagem em função poética. Nesta última, temos várias “possibilidades interpretativas, estruturadas de forma a permitir uma série de leituras constantemente variáveis, à maneira de uma constelação de elementos que se prestam a diversas relações recíprocas” (Eco, 1965)

A polissemia sintática leva à não uniformidade da decodificação, mas o fenômeno se dá do ponto de vista da norma lingüística, ou seja, dos signos em grau zero.

Em “Jogou às duas”, temos uma policategoria, em que tanto se pode entender “às duas horas” como “às duas meninas.”

Ou, então, em sintaxias, como
“Um negro homem . . .”
“Um amor de menina ”,

em que são possíveis duas decodificações: a primeira, que toma *negro* e *amor*, respectivamente, como bases substantivais do sintagma nominal; a segunda, que muda completamente o sentido das frases consideradas, faz de *homem* e *menina*, respectivamente, as bases dos sintagmas nominais.

Essa polissemia de discurso é, quase sempre, desfeita pelo contexto intra e extralingüístico, que, a partir da multiplicidade dos significados que uma palavra apresenta em língua, aponta com precisão o significado adequado àquele ato.

Entretanto, algumas vezes o contexto intra e extra-lingüístico se mostram insuficientes para o restabelecimento da monossemia da

palavra no ato de fala. Quando isso ocorre, a polissemia sintagmática persiste, o que ocasiona a ambigüidade de sentido.

Veja-se o célebre exemplo “O juiz achou as crianças culpadas”, que conforme a natureza da situação enunciativa, continua permitindo diferentes interpretações.

Há casos, especialmente no discurso publicitário, em que a polissemia e a conseqüente ambigüidade de sentido são procuradas; constituem um recurso intencional do loctor-autor do contexto publicitário intra e extralingüístico. Semelhante recurso permite ampliar o conjunto significativo da sua mensagem e transmitir muitas informações *em paralelo*.

Observe-se, por exemplo, um painel publicitário, em que aparece o *slogan*:

“Faça o vestibular sabendo tudo o que vai cair”

Este pode levar a decodificar “.sabendo tudo.” como “toda a matéria que deve ser estudada pelo vestibular” ou, então, pode fazê-lo descobrir um significado subentendido, que “a equipe x vai informar exatamente a matéria, as questões que constarão da prova do vestibular”

Noutro painel publicitário,
“Seja sócio da *Natureza*”,

temos que *natureza* é meta-meta-metassigno denominativo de uma empresa X, especializada em vendas de terrenos arborizados. Logo, ser sócio da *Natureza* implica em comprar o seu “produto” e, ao fazê-lo, ser sócio da natureza (conjunto de elementos naturais)

Tomemos outro exemplo:

“Um balneário onde o *peixe* é seu”,

em que *peixe* significa simultaneamente: “oportunidade”, conotativamente; “peixe”, denotativamente; e “mulher bonita”, conotativamente.

Em

“O *furo* do ano sem dor”,

encontramos, também, uma polissemia de discurso; a palavra *furo* aí aparece com a ocorrência de dois significados: um, denotativo, “o

furo da orelha”, cujo sentido é confirmado pelo código pictórico do painel; e outro, conotativo, equivalente a “o furo do ano” = “a descoberta do ano”

Nesses casos, os feixes de semas denotativos são atualizados ao lado dos conotativos, numa mesma ocorrência.

Existe, porém, outro processo do discurso publicitário que faz da frase₁ — simultaneamente denotativa e conotativa — e da frase₂ — também denotativa e conotativa —, no interior de um mesmo discurso publicitário manifestado, uma conotativa em relação à outra, que se torna, então, denotativa.

Observem-se as frases:

- a) “Móveis Oggi: plantas no *berço*.”
Berço denota *estufa* e conota *repouso*.
- b) “Móveis Oggi: Aqui será o nosso futuro *berço*.”

Berço denota *instalações* e conota *instalações aconchegantes*. Percebe-se que a frase (b) é meta-metassigno da frase (a): para que se possa apreender o seu verdadeiro sentido, é necessário que se recorra à primeira frase. Para que isso ficasse bastante evidente, o lucutor-autor dessa mensagem publicitária a distribuiu em dois painéis diferentes, ao longo da estrada, colocados estragicamente um após o outro.

O autor da mensagem que se pretenda polissêmica, pode fazer interagir, em determinados discursos o código lingüístico e o pictórico por exemplo. Alternam-se várias estratégias:

1 Reiterar no código pictórico o significado denotativo e conotativo que já aparece no código lingüístico. Existe um painel que apresenta predominantemente os dois códigos (não discutiremos aqui as possibilidades de “tradução”, por exemplo, do gestual através do pictórico):

a) o lingüístico: “O truque é Gulliver”, em que *truque* significa simultaneamente “peça de caminhão” e “estratégia de mágicos”;

b) o pictórico: existe um desenho da peça do caminhão (elemento denotativo) e desenho de um coelho saindo de uma cartola (elemento conotativo)

Nesse caso, um e outro código ampliam os mesmos significados e reiteram os efeitos de sentido que se pretende provocar

2. Reiterar no código pictórico apenas o significado denotativo, embora o enunciado lingüístico acumule os dois significados. Em:

“Perto do Zoo há um ninho de *cobras* em Chevrolet”

cobras significando “pessoas bastante especializadas em tal assunto”

Os elementos *perto do zoo, ninho de cobras* parecem salientar o significado denotativo dessas palavras. Contudo, do ponto de vista onomasiológico, têm um objetivo claro: salientar e reforçar o significado conotativo.

3. Conferir ao código lingüístico de um contexto a condição de enunciado conotativo, pela interação com o código pictórico. Não seria possível precisar-lhes o caráter denotativo ou conotativo, se os considerasse isoladamente. Entretanto, a mensagem denotativa do pictórico, que ilustra o enunciado lingüístico — também denotativo — transforma-o em conotativo.

A seqüência significativa da mensagem pictórica, em que aparecem vários funcionários medindo meias com uma régua, provoca:

a) a ruptura da coesão da lexia textual

basta de meias medidas!

b) a ruptura da isotopia, de que resulta um significado conotativo de cunho humorístico.

Evidentemente, existem outros tipos de polissemia sintáxica que poderiam ser longamente examinados, o que nos levaria a estender em demasia o nosso trabalho.

Nosso objetivo, ao analisar alguns deles, foi, sobretudo o demonstrar como os sucessivos neologismos semânticos vão ampliando cada vez mais o semema de um signo, de tal forma que só o contexto enunciativo, a situação de enunciação e de discurso podem precisar um dos sentidos disponíveis.

Ora, é justamente nesse discurso que precisaria o sentido em tela, que novas associações são feitas, provocando um contínuo movimento da ampliação para a especificidade e da especificidade para a ampliação, numa permanente tensão amplificação/especificidade.

Por outro lado, como vimos, a polissemia pode persistir mesmo no contexto enunciativo, pois a ambigüidade que dela provém, permite que se criem novos significados. Daí decorre também a possibilidade de serem produzidos sempre mais neologismos semânticos.

Percebe-se claramente que esses mecanismos impedem que o universo léxico do código seja estático. Na realidade, o código lingüístico e o universo lingüístico que dele faz parte só podem existir e funcionar numa permanente tensão dialética conservação/mudança.

Todo signo tem, segundo Umberto Eco (1971, 116-19) a propriedade de “semiose ilimitada que, embora paradoxal, é a única garantia para o estabelecimento de um sistema semiológico capaz de justificar-se somente por seus próprios meios. / ./ O significante apresenta-se então cada vez mais como a forma geradora de sentido, que se enche de acúmulos de denotações e conotações graças a uma série de códigos e de léxicos que estabelecem suas correspondências com grupos de significados.”

BIBLIOGRAFIA

- Barbosa, M. A. — “Aspectos da dinâmica do neologismo” *In: Língua e Literatura* nº 7, São Paulo, FFLCH-USP, 1978, pág. 185-208.
- Bastuji, J — “Aspects de la néologie sémantique” *In: Langages* nº 36, Paris, Didier/Larousse, décembre 1974.
- Brekle, H. E. — *Sémantique*. Traduit et adapté par P Cadiot et Y Girard. Paris, Colin, 1974.
4. Greimas, A. J. et Courtès, J — *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris, Hachette, 1979
5. Guilbert, L. — *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975.
6. Lyons, J. — *Éléments de sémantique*. Traduit par J. Durand. Paris, Larousse, 1978.
- 7 Palmer, S. R. — *A semântica*. Trad. de A.M.M. Chaves. São Paulo, Livraria Martins Fontes, sd.
8. Picoche, J. — *Précis de lexicologie française. L'étude et l'enseignement du vocabulaire*. Paris, Nathan, 1977
- 9 Robin, R. — *História e Lingüística*. Trad. de Adélia Bolle, com a colaboração de Marilda Pereira. São Paulo, Cultrix, 1977.